

O MANUSCRITO DO LEITOR

MÁRIO DE ANDRADE

BEATRIZ PROTTI CHRISTINO
ROSANA FUMIE TOKIMATSU
EQUIPE MÁRIO DE ANDRADE – IEB/USP

RESUMO

Este artigo apresenta o método de trabalho desenvolvido para organização e exploração da Marginalia Apena do Arquivo Mário de Andrade. Aborda as notas de leitura do escritor, autógrafos em folhas avulsas encontradas no interior de livros de sua biblioteca. Essas notas de Mário participam, muitas vezes, do percurso genético de ensaios seus. A Marginalia Apenas inclui também manuscritos de outros autores brasileiros.

RÉSUMÉ

Cet article présente la méthode de travail développée pour l'organisation et l'exploitation de la Marginalia Annexée de l'Archive Mário de Andrade. Il aborde les notes de lecture de l'écrivain, autographes sur des feuilles annexées, trouvées à l'intérieur de plusieurs livres de sa bibliothèque. Ces notes participent du parcours génétique de quelques textes du critique littéraire de Mário de Andrade. La Marginalia Annexée conserve aussi quelques manuscrits d'autres auteurs brésiliens.

ABSTRACT

This article presents the method developed to organize and explore the parallel notes (marginalia apensa) of the Archive of Mário de Andrade. It discusses the writer's notes of reading, autographs in spare pieces of paper, found inside the books of his private library. These notes, often, are part of the genetic path of Mário de Andrade's essays. These notes include also manuscripts of other Brazilian authors.

O conjunto das anotações feitas por determinado leitor em páginas de livros de sua biblioteca forma sua marginália. As notas instauram o diálogo leitor/ autor, diálogo no qual, ao destacar ou comentar trechos, o leitor constrói um texto novo, paralelo ao texto impresso. Por essa razão, os exemplares de livros com anotações manuscritas gozam da dupla natureza de texto impresso e de manuscrito.¹

Mário de Andrade, leitor contumaz e crítico atento, deixou, em suas leituras, notas capazes de indicar a trajetória de suas pesquisas e revelar seu juízo de valor em relação a diversas obras e autores.

As notas, bastante numerosas, constituem a Marginália que integra a Biblioteca e o Arquivo Mário de Andrade, no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo. De acordo com o suporte, isto é, o material em que se encontram as anotações, distinguem-se dois conjuntos documentais: Marginália propriamente dita – reunião das notas realizadas diretamente nas páginas dos livros e revistas da biblioteca – e Marginália Apensa – reunião dos textos e notas em papéis avulsos colocados por Mário no interior de livros de sua propriedade. Nos livros e revistas, as notas de leitura estão nas folhas de guarda do início e do final do volume, nas folhas de rosto, na margem das páginas impressas ou nas entrelinhas dos textos. Realçam trechos através de traços ou cruzetas, recolhendo informações ou valorizando uma passagem da obra lida. Compreendem comentários críticos, breves a maioria, podendo, contudo, se estender até as folhas brancas do início ou do final do livro.

A Marginália Apensa comporta ainda divisões internas, conforme a autoria: manuscritos de Mário de Andrade e de outros autores (Henriqueta Lisboa, Luiz Saia, Gilda de Melo e Souza) e conforme a área: Antropologia/ Folclore, Música, Literatura-Crítica, História, Artes Plásticas, Bibliografia e Bibliofilia.

Desenvolvemos um projeto que tem por objetivo o estudo da Marginália Apensa e sua organização para consulta no IEB. O

1. LOPEZ, Telê Ancona. Matrizes/ Marginália/ Manuscritos. *Revista da Biblioteca Mário de Andrade*, nº. 50. São Paulo, 1992. p. 89-93.

método de trabalho combina procedimentos de duas disciplinas que se complementam: a codicologia e a crítica genética. A primeira envolve os aspectos materiais do manuscrito e corresponde, no projeto, à análise documental e à transcrição da etapa final da escritura. Na descrição de um manuscrito apenso são considerados: sua natureza – datiloscrito/ autógrafo, original do autor/ cópia; o meio da escrita – lápis, tinta, máquina de escrever; o sentido da escrita – horizontal/ longitudinal; a quantidade de folhas e a ocupação do espaço. Quanto ao suporte (papel) são observadas: medidas, cor e presença de danos.

A descrição se completa com o levantamento e a classificação das rasuras — tarefa que requer análise e interpretação — declinando as etapas da redação. Evidências de uma escrita em processo, as rasuras mostram-se particularmente significativas, espelhando, por exemplo, a busca da expressão mais ajustada ao pensamento — substituição, hesitação — ou a rejeição de termos julgados inadequados — a supressão. A eventual presença de erros grosseiros, nem sempre corrigidos, desvenda a escrita apresada, resultado de um jato criador, um primeiro registro das idéias. O modo de apresentação das rasuras leva ao reconhecimento de diferentes fases no processo de construção textual. Assim, aparecem tanto emendas simultâneas a uma primeira versão, como outras vindas de abordagens posteriores por parte do autor-leitor dessa mesma versão. Em seu texto apenso ao romance editado *As três Marias*, de Rachel de Queiroz (Rio de Janeiro, José Olympio, 1939), Mário de Andrade efetua modificações sob a forma de substituições sobrepostas, caracterizando uma segunda etapa na construção desse esboço do artigo que vai fazer. Entre as modificações resultantes da leitura posterior, encontram-se as de cunho estilístico. Mário troca, por exemplo, “suas maiores qualidades” por “suas maiores características” e “Ora isto me parece absolutamente inesperado” por “Ora isto creio absolutamente inesperado”. De certa maneira, as duas substituições se assemelham, pois selecionam termos mais ou menos marcados, isto é, portadores de um juízo de valor, que o anterior. No primeiro caso o autor opta por uma palavra mais neutra, sem o caráter positivo relacionado, em geral, à “qualidades”. A escolha de “creio” evidencia uma maior certeza da parte do autor, que

prefere usar um termo mais incisivo que “parecer”. O esboço dessa crítica do livro da escritora cearense comporta também alterações simultâneas (subjacentes) à primeira etapa de elaboração, feitas antes mesmo que a escrita da primeira versão chegasse ao fim. Isso se dá, entre outros momentos, na hesitação “âng” (riscado) antecedendo “ângulo de visão” e “nobres” seguida da substituição “altas dentre as nossas tradições romanescas”. O autógrafo apenso e as notas do autor/leitor nas margens do livro dão um passado de primeira versão ao artigo “As três Marias” publicado no *Diário de Notícias*, em 17 de setembro de 1939 e reproduzido na coletânea *O empalhador de passarinho* (São Paulo, Martins, 1943).

O método de trabalho desenvolvido pede a distinção entre texto apenso e nota apensa, tendo em vista o conteúdo dos manuscritos, bem como sua extensão e organicidade. Foram considerados “textos” os escritos mais longos e dotados de uma organização textual, isto é, aqueles que não se apresentavam apenas como rol de referências ou lembretes. Os textos, sobretudo os mais extensos, críticas ocupando várias folhas, colocaram esta questão: deviam continuar como Marginália Apensa ou passar para a série Manuscritos Mário de Andrade? O fato de terem sido postos originalmente em meio às páginas de uma obra, associando-se a ela, determinou a decisão de respeitar sua condição de Marginália.

Muitos manuscritos da Marginália Apensa, como apontam somente questões ou esboçam um texto, não trazem data. Instrumentam a continuação do trabalho do autor. Apesar das notas constituírem uma sobreposição, não podem ser datadas com apoio na data da obra que as recebe, pois, obviamente, não há como assegurar que a leitura de Mário coincide com a data da publicação do livro. Apenas os textos que exibem uma redação praticamente definida, prontos para serem passados a limpo, foram datados. É esse o caso do datiloscrito *Osvald de Andrade: Pau Brasil Sans Pareil, Paris, 1925*, em que as emendas manuscritas realizadas em uma segunda etapa fundamentalmente corrigem erros de datilografia, sem que haja qualquer alteração substancial do texto. Datado de setembro de 1925, esse texto que não foi publicado mostra assinatura à máquina no final.

As notas apenas articulam as notas marginais à produção crítico-literária do escritor paulista. Muitas delas registram os possíveis momentos iniciais daquilo que se tornaria um artigo ou ensaio, valendo, para a crítica genética, como paratextos. Para que os nexos entre a leitura, a redação da nota apenas e a das versões dos textos do autor sejam estabelecidos, a pesquisa procura localizar, nos textos impressos, os pontos que mereceram a atenção desse diligente leitor em suas notas marginais.

Exemplo claro destas relações fica nas notas apenas ao livro *Lume de estrelas* (Belo Horizonte, Mensagem, 1940) de Alphonsus de Guimarães Filho. O conteúdo das anotações em folhas avulsas, assim como o das notas marginais no próprio livro, constitui o ponto de partida da crítica, cujo título repete o do livro, publicada no *Diário de Notícias* do Rio de Janeiro, em 23 de junho de 1940. Numa das notas apenas se lê, entre outras observações: "Elogiar a técnica segura". Tal apontamento afigura-se como um esquema do artigo que cumprirá esta decisão: "Para estréia, *Lume de estrelas* apresenta uma firmeza técnica notável". O uso excessivo de clichês consagrados pela tradição lírica e desligados do contexto brasileiro, vistos pelo leitor severo como "dicções estratificadas, e até mesmo convencionais", representa o alvo central da crítica. No decorrer de todo o livro, os clichês são evidenciados por traços a lápis colocados à margem e grifos a que se juntam, por vezes, comentários. Ao lado do poema "Ventos da tarde", o lápis deixa a nota que desnuda a monotonia e a previsibilidade dessa poesia fundada na oca reiteração de palavras: "Noite/ Vento/ mar/ caminhos/ passaros/ rosas/ Faltou tûmulo".

Na crítica "A volta do condor" (*Diário de Notícias*, 30 de junho de 1940), a repetição dos mesmos clichês, percebida em outros poetas, provoca em Mário de Andrade o temor de que esteja se formando "um novo e falso condoreirismo de escola", prejudicial "à nossa poesia contemporânea". O crítico se refere explicitamente aos lugares-comuns dessa nova escola: "um pequeno número de imagens-símbolos, enormes, enormíssimos, eloqüentes e grandiloqüentes. É o mar, é a noite, é o vento, é o tûmulo ('tûmulos vazios') é o passaro[...]". Não esquece a vulgarização dos adjetivos: "Tudo virou 'ausente', 'distante', 'gelado', 'escuro' etc..." Os adjetivos citados no artigo são aqueles sistematicamen-

te assinalados pelo lápis do leitor nos poemas de *Lume de estrelas*.

Os textos publicados, por vezes, divergem de maneira total ou parcial do conteúdo dos seus paratextos. Esta situação apresenta grande interesse, pois desvela uma leitura de determinada obra que Mário prefere não tornar pública. A pesquisa procura identificar as razões dessa escolha do crítico.

Em uma nota apensa à *Paulística* de Paulo Prado (São Paulo, Monteiro Lobato, 1925), Mário condena a “horrida linguagem” do autor. Copia os termos que renega, colocando ao lado deles pontos de interrogação e de exclamação. E, ironicamente, vê seu estilo recheado de “archhhaísmos”, dando a Paulo Prado o epíteto de “Minerva dos Pês e dos Agás”. Manifesta ainda a intenção de publicar seus comentários no nº. 4 de *Estética*, caso fosse enviado um exemplar do livro à revista. Ora, como *Estética*, dirigida por Prudente de Moraes (neto) e Sérgio Buarque de Holanda, teve apenas três números, entre setembro de 1924 e junho de 1925, Mário não conseguiu fazer o que desejava. Uma crítica sua sobre o livro do historiador sai n' *A Revista* de Belo Horizonte em janeiro de 1926. Entre a nota apensa e a crítica há um único elemento comum: justamente o aspecto levantado como positivo no manuscrito, a referência à força e ao vigor dos antigos paulistas. É possível que o crítico tenha se sentido pouco à vontade para desqualificar o estilo do autor em uma revista estranha a seu meio literário.

No manuscrito apenso intitulado *Fusco*, Mário comenta a falta do “equilíbrio da maturidade” nos julgamentos do poeta e crítico mineiro em *Vida literária* (São Paulo, Panorama, 1940). Condena o pensamento de Rosário Fusco que desvaloriza a “inteligência” brasileira, ao mesmo tempo que reverencia os estrangeiros, jamais contestados. Sabendo não existirem valores absolutos, não perdoa tal atitude.

Porém, é de natureza bastante diversa “Persistência da asa”, artigo publicado no *Diário de Notícias*, (24 de março de 1940), onde o crítico retrata toda a trajetória de Fusco e acentua as grandes dificuldades por ele vividas na luta para continuar aprendendo, estudando. A mudança de tom entre o texto particular e o público marca dois momentos na crítica de Mário de Andrade. O

primeiro dava espaço para a crítica sem censura; o segundo pedia o elogio do homem, vindo, quem sabe, do escrúpulo de estar sucedendo Fusco na coluna "Vida literária".

Algumas das notas desse tão especial leitor demonstram sua preocupação em ser conseqüente, não se limitando a impressões de uma primeira leitura. Mário procura confirmar, por meio de verdadeiras pesquisas, a validade de julgamentos iniciais seus. Essa situação pode ser exemplificada no manuscrito apenso às *Poesias* (Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1909) que surpreende a exagerada repetição de palavras "geminadas" (termos de idêntica função sintática unidos pelo conector "e") na linguagem de Emílio de Menezes. Antes de acusar uma falha do poeta, o leitor levanta a freqüência desse recurso em contemporâneos de Emílio: Olavo Bilac e Alberto de Oliveira. Separa uma espécie de "amostra estatística", verificando a ocorrência do fenômeno em cinco poemas de cada um deles, para pesar até que ponto deveria atribuir a insistência exclusivamente a Emílio de Menezes ou à escola parnasiana.

Valiosos tanto para o estudo da obra dos autores comentados, quanto para o estudo da produção de Mário de Andrade, os manuscritos da *Marginália* participam do percurso genético de determinados textos do escritor. Permitem, ainda, o conhecimento de opiniões críticas por ele não publicadas.